

## **BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O RECREIO ESCOLAR ENQUANTO ESPAÇO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Ana Maria de Lima Filha; Pedro Paulo Souza Rios.

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus VII Senhor do Bonfim; E-mail:  
[anamariafilha@outlook.com](mailto:anamariafilha@outlook.com); [peudesouza@yahoo.com.br](mailto:peudesouza@yahoo.com.br)

**Resumo:** O presente estudo trata de questões inerentes aos brinquedos e brincadeiras na educação infantil, enfatizando o recreio escolar enquanto um espaço para construção das relações de gênero. Tendo como objetivo principal, analisar a construção das relações de gênero no tempo espaço atribuído ao recreio, concebido enquanto espaço pedagógico estruturado pelxs<sup>1</sup> educadorxs, onde a ludissociabilidade é um elemento constitutivo das relações sociais de gênero. Para tanto, usamos como base teórica: Louro (2006) e Meyer (2013) Rios (2018) dentre outrxs autorxs e pesquisadorxs da área. Tendo por abordagem metodológica o diário de campo e a técnica de observação participante, realizado numa Escola de Ensino Fundamental do Município de Senhor do Bonfim – Bahia. A partir deste estudo percebemos que o recreio é o momento de descontração na sucessiva rotina de conteúdos programáticos exigidos pela matriz curricular da escola. Que apesar da brincadeira ser uma prática social, o recreio é um espaço generificado e sexualizado. Constatamos ainda que a intervenção pedagógica dxs professorxs é um grande aliado na construção da relação de gênero.

**Palavras-chave:** Recreio Escolar, Brinquedos e Brincadeiras, Relação de Gênero.

### **O RECREIO ESCOLAR: ESPAÇO DA LUDISSIONABILIDADE**

Historicamente a escola tem se constituído no ambiente onde a criança inicia seu processo de sociabilidade com outras crianças, fora do círculo familiar. Esse espaço se configura enquanto território de novas vivências, valores e culturas em diferentes momentos, tempos e espaços do cotidiano escolar, dentre eles o recreio, aqui denominado em momento de ludissociabilidade<sup>2</sup>.

O recreio escolar é comumente conhecido como um momento de intervalo e descontração entre as aulas, representando muitas vezes o momento de descontração na sucessiva rotina de conteúdos programáticos exigidos pela matriz curricular da escola.

Nesse cenário, muitas vezes o recreio se constitui no único momento em que xs estudantes fazem escolhas do tipo: com quem, onde e como brincar, com quem conversar, de

---

<sup>1</sup> Na escrita do texto optamos pelo uso do "x", por considerar que essa é “uma tentativa de, no âmbito da escrita, tornar a língua mais democrática, pois as distinções decorrentes do fato de o gênero neutro ter as mesmas marcas morfológicas que o masculino, no caso da língua portuguesa, gera uma série de discussões e levam até a afirmações como "a língua é machista".

<sup>2</sup> Ludissociabilidade é um termo utilizado por nós para definir o recreio enquanto espaços de lúdico e de sociabilidade

quem se aproximar. É o espaço-tempo que xs convida a explorar diferentes percursos e aprender sobre relações interpessoais e interagir com xs colegas das demais turmas. Entendemos, portanto, que o recreio é o tempo-espaço onde as atividades lúdicas e a sociabilidade entre os pares acontecem de forma livre.

Não é por acaso que o recreio é o momento mais esperado por boa parte dos estudantes, nos diferentes níveis de escolaridade, se constituindo num ponto de junção, sendo o momento em que se tem o maior encontro de estudantes, séries, idades, gêneros, pessoas e gostos distintos, juntas no mesmo espaço socializando informações, brincadeiras dentre tantas outras coisas. Assim, “o espaço do recreio é um momento direcionado a diversão e interação” (LOPES, 2006, p.12).

Dessa maneira, o presente estudo tem por objetivo analisar a construção das relações de gênero no tempo-espaço atribuído ao recreio, concebido enquanto espaço pedagógico estruturado pelxs educadorxs, onde as brincadeiras e os brinquedos são elementos constitutivos das relações sociais de gênero, tendo por abordagem metodológica a observação participante, a partir do Estágio Supervisionado – Séries Iniciais do Ensino Fundamental, realizado numa do Município de Senhor do Bonfim – Bahia.

## **1. ESPAÇO-TEMPO DE LÚDICIDADE, SOCIABILIDADE E APRENDIZAGEM CHAMADO RECREIO**

*“O silêncio quase mórbido é  
subitamente interrompido pelo som estridente da sirene.  
Corredores e pátios antes vazios  
agora dão lugar a gritos, risos e conversas intermináveis.  
Corpos se põem a correr – meninos e meninas.  
Guloseimas, pula corda, amarelinha,  
futebol, taco, vôlei, parquinho - inúmeras brincadeiras,  
Descanso, banheiro, jogos, etc.  
Enfim livres dos olhares dos adultos”*  
(DIÁRIO DE BORDO, em 13 de agosto de 2017).

A cena descrita acima é um fragmento das anotações do diário de bordo, a partir das observações, onde procuramos descrever, ainda que parcialmente, o momento do recreio escolar. O termo “recreio” deriva do conceito de recreação, ou seja, um “período para se recrear, como, especialmente, nas escolas, o intervalo entre as aulas” (FERREIRA, 1999, p. 172).

Dessa maneira, o recreio pode ser compreendido enquanto espaço-tempo de aprendizagens subjetivas, por meio de atividades lúdicas e de sociabilidade, onde os estudantes das mais distintas formas procuram descontraí-los. É o “momento, ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontânea e deliberadamente, através do qual ele se satisfaz seus anseios voltados ao seu lazer” (CAVALLARI, 1994, p. 15).

A escolha é o elemento constitutivo do recreio. Porém, não estamos falando de um momento qualquer de recreação, mas do recreio escolar. Se configurando, portanto, num tempo escolar, logo pedagógico, que deve ser observado a partir de contextos específicos, sendo compreendido em muitos casos apenas como sendo o momento de pausa para professorxs descansar de suas atividades pedagógicas enquanto que os estudantes devem sair das salas de aulas e gastar suas energias.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (BRASIL, 1997) define recreio como um espaço privilegiado onde as crianças têm possibilidade de explorar e recriar o espaço e os materiais disponíveis, uma vez que o espaço exterior à sala de aula possibilita uma diversificação de oportunidades educativas, pela utilização de um espaço com outras características e potencialidades.

Segundo Neto (1995), o recreio ou os espaços livres onde a criança se movimenta deve possibilitar “que cada criança possa ser ela própria num trajeto permanente de liberdade e responsabilidade, de modo a permitir: a sua criatividade, liberdade de expressão, comunicação e liberdade de expressão corporal; para além de permitir a sua capacidade crítica e reflexão sobre o que se vive” (p.103).

O recreio é um tempo historicamente construído a partir da reformulação do cotidiano escolar fundamentada em razões “médicas, higienistas e científico-pedagógico para o gasto de energia e para o descanso, ou seja, por um lado descansar-se das aulas, por outro se gasta energia acumuladas que impedem a concentração” (FARIA, 2002, p. 17). Portanto, o recreio se constitui elemento pedagógico curricular importante na vida escolar. É necessário termos a compreensão de que o recreio é também um espaço de aprendizagem e de encontros, é um momento em que acontecem as conversas informais, em que os estudantes podem extravasar suas energias, correr, brincar e jogar.

### **1.1 A brincadeira enquanto sociabilidade**

As práticas sociais nascem nas relações que são estabelecidas entre os indivíduos, tendo como principais atores os sujeitos participantes. É através das práticas sociais que as pessoas se

relacionam, estabelecem regras de convivência ao tempo em que se educam mutuamente. Assim, práticas sociais são consequências de interações entre diferentes sujeitos.

Partindo desse pressuposto, compreendemos que as brincadeiras se constituem enquanto prática social, uma vez que brincar é uma linguagem que possibilita a interação das crianças com seus pares e com outros sujeitos participantes do ato de brincar. No brincar, ocorre a interação com a realidade, com o outro e com os diferentes símbolos, signos, costumes e valores que constituem as culturas. Brincar é um fundamento da experiência cultural (SOMMERHALDER e ALVES, 2011).

O brincar possibilita a criança a aprender e construir conhecimentos, saberes, uma vez que lhe é assegurada a possibilidade explorar, inventar, experimentar, criar, reconhecer valores e atitudes. A brincadeira proporciona o conviver e a formação humana, uma vez que o ser humano se constrói também nessa experiência humana (SOMMERHALDER e ALVES, 2011).

Nessa perspectiva, Kishimoto (2010) aponta que a brincadeira é uma ferramenta que auxilia na aprendizagem e no desenvolvimento da criança, uma vez que por meio da brincadeira a criança ensina e aprende diferentes regras, habilidades e linguagens.

No brincar, a criança tem a oportunidade de ensinar e de aprender com o outro, é um rico espaço de aprendizagem para a criança, que proporciona a educação para a vida.

A brincadeira possibilita diferentes processos educativos que se desencadeiam do convívio entre as crianças (KISHIMOTO, 2010). Esses processos educativos são formativos, pois possibilitam à criança o autoconhecimento, o conhecimento dos outros e das culturas.

Por meio da brincadeira a criança aprende a compartilhar, a ganhar, a perder, a conviver com as diferenças, criando relações de respeito. Há um sentido na atitude lúdica, pois quem brinca diz alguma coisa e esse dito está repleto de conteúdos da existência humana.

Compreender o brincar como meio para a aprendizagem é considerar a criança enquanto sujeito produtor de saberes, reconhecendo que ela está em constante processo de aprendizagem por meio das diferentes práticas sociais e que participa desse processo por meio das brincadeiras.

Os conhecimentos advindos das distintas práticas sociais marginalizadas, dentre elas as brincadeiras, foram historicamente desconsideradas espaços escolares e, tidos como saberes não importantes para o currículo escolar (RIBEIRO JUNIOR, 2013). Não se reconhece o ato de brincar enquanto processo educativo. Dessa forma, a brincadeira muitas vezes, ainda é vista como separada dos processos de ensinar e de aprender da criança, sendo compreendida como uma atividade não séria.

Na contemporaneidade o currículo tem sido compreendido de maneira mais ampla, não focando meramente nos documentos escritos da organização das disciplinas escolares. Segundo Silva (2005), o currículo se constrói socialmente na interação dos indivíduos. E como em qualquer interação social, encontram-se lutas, negociações e contradições.

Desta forma, compreender esta dinâmica entre o currículo escrito e o praticado, nos diferentes espaços educativos, faz parte de um esforço de aproximar os efeitos destes currículos no cotidiano das escolas, marcados por ser um espaço de encontro de diferentes pessoas, experiências culturais e pertencimentos sociais, distintos repertórios de aprendizagens e subjetividades de gênero.

## **2. O ESPAÇO DO RECREIO ESCOLAR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Durante as observações foi possível constatar que as crianças dão outros sentidos para recreio. Ele não é apenas um simples intervalo para descansar, lanchar ou ir ao banheiro. É um tempo e espaço específicos que se configuram numa multiplicidade de sentidos, de significações, (re)criações de cultura(s).

É hora de se aproximar ainda mais dxs colegas, dxs amigxs das outras turmas. Assim, partindo do pressuposto de que “o espaço, assim como o tempo, não podem ser entendidos como neutros, pois sendo uma construção social expressam as relações sociais que neles se desenvolvem” (Pinto, 2005, p. 12), então, quer o tempo, quer o espaço do recreio no devem favorecer “o processo de desenvolvimento e formação das crianças, respeitando-as como sujeitos” (PINTO, 2005, p. 13). Dessa maneira, entendemos que o recreio é um espaço onde se evidencia que a diferença entre lugares para crianças e os lugares de crianças, pois são elas que determinam o direito a participar na sua construção.

Louro (2002) enfatiza, ainda, que as noções de tempo e espaço são plurais, posto que falamos em tempos e espaços múltiplos, uma vez que estes são atravessados, também, pelas divisões sociais de classe, gênero, etnia, religião ou idade.

Para maior compreensão acerca da equidade de gênero é fundamental entendermos que seu advento e manutenção na contemporaneidade estão implicados ao conceito de patriarcado. As relações assimétricas entre os gêneros vêm mostrando que as sociedades patriarcais engendram e sustentam relações e modos de produção, nos quais os homens como categoria social levam vantagens sobre as mulheres, nas mesmas condições. De acordo com Rios (2018)



[...] é necessário compreender que as relações de gênero perpassam por várias conceituações e estudos, desde a construção de papéis - masculinos e femininos, do aprendizado destes que formam a subjetivação dos sujeitos, da sexualidade, do enfoque na violência contra a mulher, das discussões sobre as masculinidades, heteronormatividade, homossexualidade, até as questões que conseguem relacionar gênero e poder, colocando em evidência que a subordinação feminina não é natural, estática e imutável.

Assim, o conceito de gênero se apresentou como uma importante categoria de análise das brincadeiras. Segundo Joan Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. Dessa maneira, de acordo com a autora gênero pode ser entendido como a organização social da diferença sexual.

Louro (1997) sinaliza que a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se por meio de diferentes processos de aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo.

Dessa maneira, podemos dizer que o recreio escolar, enquanto espaço e tempo, de diferentes modos de ser, se constitui enquanto espaço fértil na construção das subjetividades de gênero e sexualidade dentre outros marcadores, por meio de brinquedos e brincadeiras, comumente classificadas como sendo de menino ou de menina. De acordo com Louro (1997) as relações de gênero, construções culturais e relacionais das hierarquias entre o masculino e o feminino, produzidas historicamente no campo do social. Para Rios (2018)

Trabalhar as relações de gênero significa apenas e tão somente demonstrar que meninos podem ser também meigos e sensíveis sem que isso possa “ferir” sua masculinidade, e que meninas podem ser agressivas e objetivas, além de gostarem de futebol, sem que essas características firam sua feminilidade.

Assim, há que se reconhecer que as aprendizagens, no que se refere às questões de gênero, estão incorporadas e “naturalizadas” em práticas cotidianas formais e informais que muitas vezes passam despercebidas.

Elas atravessam os conteúdos das disciplinas que compõem o currículo oficial ou estão imbricadas na literatura que selecionamos, nas revistas que colocamos à disposição dxs

estudantes para pesquisa e colagem, nos filmes que passamos, no material escolar que indicamos para consumo, no vestuário que permitimos e naquele que é proibido, nas normas disciplinares que organizam o espaço e o tempo escolares, nas dinâmicas em sala de aula e em outros espaços escolares que não vemos ou decidimos ignorar, nos castigos e nas premiações, nos processos de avaliação (MEYER, 2003).

### **3. CAMINHOS DO BRINCAR: METODOLOGIA**

Este estudo se caracteriza como pesquisa de abordagem qualitativa. A escolha pelo desenvolvimento de um estudo qualitativo ocorreu para compreensão mais detalhada dos significados e características apresentadas pelos participantes da pesquisa (BOGDAN e BIKLEN, 2014).

Caracteriza-se ainda enquanto pesquisa com inspiração etnográfica, uma vez que possibilitou o uso de técnicas como a composição de um diário de campo e as observações diárias. Na observação, há uma interação constante com os sujeitos pesquisados, estreitando vínculos, aproximando os envolvidos no processo da pesquisa, do local, das situações diárias do cotidiano escolar, implicando num processo constante de seleção e análise dos dados obtidos, bem como num denso registro de campo (ANDRÉ, 1995). Utilizamos, portanto, o diário de campo e a técnica de observação participante para a construção do corpus da pesquisa.

#### **3.1 Lócus da brincadeira: escola de educação infantil**

A pesquisa foi realizada numa escola pública de educação infantil, localizada no município de Senhor do Bonfim, tendo por público alvo crianças do 2º ao 5º ano. É importante salientar que as observações ocorreram durante o recreio escolar, no turno vespertino, entre 15h30min às 16h00min.

As observações aconteceram durante nove semanas. Do dia 16/10/2017 a 22/12/2017, sempre de segunda a quinta-feira, pois na sexta as crianças saíam às 15h00min e por isso o recreio era suspenso.

### **4. BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Na interação do recreio podemos identificar atividades e papéis sociais relacionados ao gênero. Durante o período de observação etnográfica foi possível constatar que as brincadeiras eram sempre as mesmas: casinha, boneca, pula corda, roda e amarelinha para as meninas e,

pega-pega, pega ladrão e bola para os meninos. A interação, entre meninos e meninas, acontecia apenas quando a brincadeira era uma proposta da professora.

A constatação descrita acima sinaliza o quanto as representações de gênero estão presentes no espaço-tempo do recreio, onde as brincadeiras classificadas como de meninas estão associadas a atividades da esfera do privado e do cuidado, ocupando, quase sempre, lugares onde sempre há um adulto por perto, um espaço conciliação entre “comadres” e “melhores amigas”, onde não há espaços para divergências. De acordo com Louro (2007) historicamente, os espaços atribuídos às mulheres foram e continuam sendo aqueles possíveis de serem controlados pelos adultos. Já no que se refere às brincadeiras, classificadas como sendo de meninos demandam um espaço maior. De acordo com Louro (2007) o espaço público, e, portanto, um espaço de disputas, que sempre vence o mais forte.

Conforme constatamos a intervenção pedagógica, por meio de proposições de atividades pautadas na equidade de gênero, respeito às diferenças, dentre outras categorias, é de suma importância no que diz respeito à construção de relações de gênero. De acordo com Louro (2007) a escola desempenha um papel importante na construção das identidades de gênero e das identidades sexuais, pois, como parte de uma sociedade que discrimina, ela produz e reproduz desigualdades de gênero, raça, etnia, bem como se constitui em um espaço generificado.

#### **4.1 Meninos podem brincar com meninas?**

Durante as observações percebemos que não havia muita interação entre meninos e meninas. Meninas brincavam com meninas e meninos com meninos, sempre em espaços diferentes. Diante de tal fato indagamos as meninas por que não se aproximavam para brincar com os meninos, e a resposta veio em coro, quase que ensaiada: “Os meninos são ousados”. Já, quando questionados, os meninos respondiam que “As meninas não chamam a gente para brincar”.

No que diz respeito à resposta das meninas fica notório que o domínio masculino sobre as mulheres ainda é uma realidade em vários sentidos. Além disso, quando se percebe um interesse maior, por parte das crianças, pelas questões sexuais, começa a haver uma separação, das crianças por sexo, e as famílias exercem grande pressão para que essas distinções se acentuem, principalmente com os “cuidados” redobrados com as meninas. As mães e outras mulheres convencem-nas dos perigos da proximidade com os meninos, pois elas podem ser vítimas das “ousadias” deles, ou até mesmo da violência praticada pelos valentões.



Assim, teoricamente, as meninas aprendem e reproduzem social e culturalmente que menina não anda, nem brinca com menino, pois são dois modos de ser incompatíveis na convivência cotidiana, ainda que muitas não concretizem essa idealização dos adultos e quando há tal aproximação as chances de estarem vinculadas às questões da sexualidades aumentam, fazendo com que haja um distanciamento por parte das meninas. É importante ressaltar que entendemos esse “afastamento” como algo socialmente construído. O “cuidado” da sociedade com as mulheres: prendam suas meninas, que meus meninos estão soltos.

#### **4.2 A intervenção pedagógica nos momentos de recreação: por novas relações de gênero**

Com relação às intervenções pedagógicas nos momentos de recreação, percebemos que as regentes de algumas turmas tentavam promover a interação entre as crianças independente do gênero. Diferente de quando xs alunxs brincavam espontaneamente, onde de forma quase automática, elxs se dividiam entre si por sexo.

É possível que naquele momento de recreação com as brincadeiras trazidas pela professora, elxs sentissem que ali seria como uma tarefa escolar, de cunho obrigatório, o que impedia essa divisão espontânea. Algumas brincadeiras trazidas pela regente eram novidade para elxs, diferente das que brincam sempre quando estão “soltxs” tornando esse momento recreativo atrativo.

Notamos ainda que havia por parte das meninas certa resistência em brincar com os meninos, como já foi citado anteriormente, elas sempre alegavam que os meninos eram “ousados”, mas nas dinâmicas coordenadas pela professora, elas se sentiam a vontade e seguras. Ressaltando, que nem sempre esse momento de recreação era dirigido.

Apesar de haver reclamações por parte dos meninos, pela imposição das meninas, estes também tinham seu território “sagrado”, onde a presença de meninas era quase proibida, como o campo de futebol, por exemplo. Com relação a esse desarranjo, Meyer (2013), enfatiza que essa prática parece esta sendo estreitada na contemporaneidade, com “redes de vigilância e controle do gênero e da sexualidade”, no que diz respeito a quebra historicamente instituídas da masculinidade heterossexual.

Notamos ainda, que nas brincadeiras não coordenadas por uma professora, eram desfeitas rápidas e outras eram criadas. Em um curto período de tempo, as crianças se interessavam e desinteressavam por inúmeros passatempos. Sendo a minoria dos jogos espontâneos de participação dos dois gêneros. Para Meyer (2013), “o gênero e a sexualidade no recreio podem ser observados através da constituição dos próprios grupos e suas brincadeiras”.

Esporadicamente, percebíamos meninos envolvidos nas brincadeiras ditas de meninas, eles apresentavam relutância na brincadeira denominada “casinha”. Eles diziam: “isso é coisa de mulherzinha”. Infelizmente, notamos na fala desse menino certo tom de machismo. Mesmo sendo criança não consideramos tal ato “inconsciente”, uma vez que a “cultura” machista tem sido disseminado com muita veemência nos diferentes espaços sociais. Como afirma Meyer (2013),

O recreio escolar está vinculado a diversas formas de controle, regulação sobre o corpo infantil, onde diversos mecanismos contribuem para uma construção / conformação de meninas e meninos, agindo no sentido de produzir uma imagem feminina ou masculina (p.123).

Como é perceptível, xs professorxs tem um papel indispensável para a orientação pedagógica de gênero, principalmente, na hora das recreações e horas de lazer, pois estas constitui-se na maioria das vezes como divisor de gênero, fato historicamente construídos nas brincadeiras.

## **CONSIDERAÇÕES: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE O BRINCAR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO**

“O recreio é um espaço generificado e sexualizado. Nesse espaço as crianças não são tão livres quanto poderíamos acreditar.” Em concordância com Meyer (2013), está é uma das primeiras afirmações que tiramos do presente estudo. O recreio ainda se constitui com amarrações machistas e homofóbicas por parte de todxs xs envolvidxs, tipificando e dividindo e classificando brincadeiras dos meninos e das meninas.

Entendemos ainda que xs professorxs são um canal, um meio que pode através da ludissociabilidade, amenizar esse quadro de preconceito com as relações de gênero. Despertando nxs educandxs o respeito e a aceitação pelo próximo. Ou seja, além dxs professorxs, é papel social dxs responsáveis e da comunidade, as primeiras instâncias educadoras, desenvolver e incitar a conscientização sobre as relações de gênero.

Assim, podemos dizer que o recreio escolar é um momento propício para a interação espontânea, e o tempo da recreação a situação adequada para aplicação de atividades pedagógicas, que envolve não só a questão de gênero, mas questões étnico raciais, econômicas, sociais dentre outras.

Observamos ainda, a presente rotulação e rejeição das crianças quando tem a quebra de padrões e das barreiras de brincadeiras de meninos e meninas, culturalmente estabelecidas pela

sociedade masculinizada. Rendendo apelidos como “bichinha, baitola, viadinho, mulherzinha”, fato que ressalta o preconceito latente ainda presente no ambiente escolar. Por se tratar de uma temática relativamente nova, exigiu uma intensa busca por autores. Porém, acreditamos que será uma produção relevante para formação acadêmica e social, ficando este trabalho em aberto, para continuação de futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BOGDAN, Roberto.; BIKLEN, Sari Knopp. **Notas de campo**. In: BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2014.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) BRASIL. **LEI N 9394/96. Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Setembro de 1996. Editora do Brasil. Brasília, 1997.

CAVALLARI, Ricardo.; ZACARIAS, Vanny. **Trabalhando com recreação**. 2. ed. São Paulo: Ícone. 1994

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FARIA, Eliene Lopes. **Apesar de você: O brincar no cotidiano da escola**. Belo Horizonte: Licere, 2002.

KISHIMOTO, Tizuku Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação**. São Paulo, Cortez, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero: questões para a educação**. 1n: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra. Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: Ed. 34, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto, PT: Porto Editora, 2007.

LOPES, Laura. **Atividade Física, Recreio Escolar e Desenvolvimento Motor. Estudos exploratórios em Crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico**. Braga: L. Lopes. Tese de Mestrado em Estudos da Criança, Especialização em Educação Física e Lazer 2006.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e Educação: Teoria e Política**. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar Estermann. **As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar.** Rev. Bras Educ. São Paulo. jan-mar; p.117-128. 2013.

NETO, Caciano. **A influência do contexto na actividade de jogo livre em criança de idade pré-escolar - perspectivas de estudo.** Ludens, 9 (2), 5-9. 1995.

PINTO, Manuel. **A infância como construção cultural.** In : PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. As crianças: contextos e identidades. Portugal, 2005.

RIBEIRO JUNIOR, Davi.; SOUZA, Eliene Santos.; SOUSA, Farias Ribeiro.; TEIXEIRA, Igor Mota Castro.; OLIVEIRA, Maria Wanderley. Educar-se em grupos, organizações e movimentos sociais: processos educativos em práticas sociais populares. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.15, n.181, p.45-58, 2013.

RIOS, Pedro Paulo Souza Rios. **Discursos de equidade de gênero em educação: fabricação das diferenças no espaço escolar.** In.: RIOS, Pedro Paulo Souza; MENDES, Alane Martins. (orgs.) Educação, gênero e diversidade sexual; fabricação das diferenças no espaço escolar. Curitiba: CRV, 2018.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n.2, p.71-99, 1995.

SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOMMERHALDER, Aline.; ALVES, Fernando Donizete. **Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender.** 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2011.